

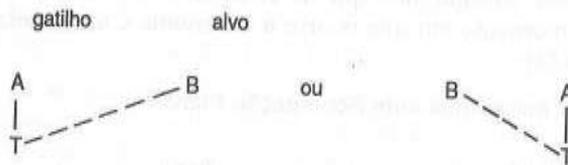
# O PROCESSO DE ASSIMILAÇÃO VISTO SOB A PERSPECTIVA DA FONOLOGIA AUTOSSEGMENTAL

ANA PAULA RAMOS e HELENA BOLLI MOTA  
PUCRS/UFMS

A assimilação é um processo bastante comum na fala de crianças em fases iniciais da aquisição fonológica e também acontece na fala de crianças com desvios fonológicos. Nos modelos fonológicos lineares era considerado como cópia de traços, isto é, um segmento copia traços de um segmento vizinho tornando-se semelhante àquele segmento cujos traços foram copiados. Na teoria dos processos fonológicos de Stampe (1973) os processos assimilatórios são definidos como a substituição de um som por influência de outro som que se encontra na mesma palavra, referindo-se sempre às consoantes. De um modo geral, as assimilações são consideradas como processos à parte e são deixadas de lado nas análises convencionais, sem que se tenha uma explicação para as mesmas. No máximo, o que se tem são análises quantitativas, classificando crianças como mais ou menos assimiladoras (Vihman 1978).

Com o surgimento das teorias fonológicas não-lineares, o processo de assimilação passou a ter um novo enfoque, sendo visto como o espraio de traços de um segmento para o outro, como mostra a figura (1):

## (1) Assimilação



Embora a fonologia tenha evoluído bastante sob o ponto de vista teórico, ainda é muito pequena a aplicação destes conhecimentos nos dados de linguagem infantil na busca de evidências e, quando isso acontece, referem-se a outras línguas.

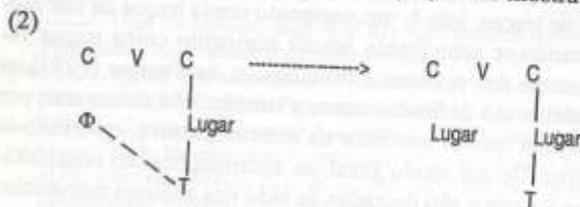
O objetivo deste trabalho é o de continuar o trabalho de Mota (1994) sobre o processo de assimilação nos desvios fonológicos visto sob a pers-

pectiva da fonologia não-linear, buscando mais evidências para as posições então apresentadas.

No trabalho anterior ressaltamos que atualmente existem duas grandes correntes que interpretam de forma diferente os processos de assimilação na fala infantil, a saber, a interpretação como harmonia consonantal e a interpretação como harmonia vogal-consoante. Vejamos o que diz cada uma dessas interpretações.

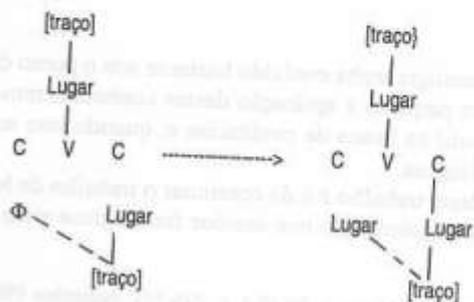
### Interpretação como Harmonia Consonantal

Defendida por Lleó (1994), Stemberger & Stoel-Gammon (1989), McDonough & Myers (1991), é a abordagem mais difundida. Nessa interpretação, uma consoante espalha seus traços para outra consoante na palavra não-especificada para aqueles traços, como mostra (2):



Essa interpretação encontra problemas quando preenchemos a especificação de lugar de vogal interveniente. Neste caso, o espriamento de traços de lugar entre as consoantes não seria possível porque violaria um princípio básico da fonologia autosegmental que é a Restrição de Não Cruzamento de Linhas de Associação (Goldsmith, 1976). A solução proposta por Lleó (1994) é a noção de segregação planar entre consoantes e vogais, na qual os traços das consoantes e das vogais são representados em planos separados, assegurando que as consoantes sejam adjacentes umas das outras no momento em que ocorre a Harmonia Consonantal. É o que mostramos em (3):

### (3) Harmonia Consonantal com Segregação Planar:



Nesta abordagem outra noção importante é a da subespecificação, segundo a qual nem todos os traços são ou precisam ser especificados na representação subjacente (Archangeli, 1988; Steriade, 1987a). Os segmentos subespecificados podem adquirir uma especificação do traço que está faltando a partir de um segmento vizinho por meio de espriamento ou, então, podem receber um valor 'default' (que para Lugar é universalmente o [coronal]).

### Interpretação como Harmonia Vogal-Consoante

Esta interpretação foi proposta por Levelt (1994) que reinterpretou a harmonia consonantal na fonologia da criança como o espriamento dos traços de lugar das vogais para as consoantes adjacentes redefinindo-a como harmonia vogal-consoante. Baseada em um corpus coletado longitudinalmente de 12 crianças adquirindo o holandês, a autora constatou que a assimilação labial ocorreu quando a vogal na palavra-alvo era labial, a assimilação coronal ocorreu quando a vogal na palavra-alvo era coronal e a assimilação dorsal ocorreu quando a vogal na palavra-alvo era dorsal.

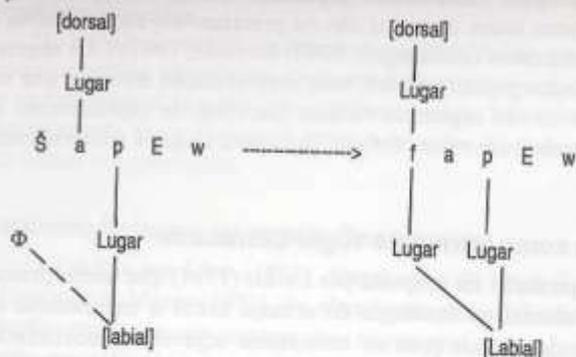
Levelt faz críticas à interpretação que prevê segregação planar entre consoantes e vogais na linguagem da criança e também critica a questão da subespecificação como fator desencadeante da harmonia consonantal. Segundo ela, a interpretação como harmonia vogal-consoante não tem nenhum problema teórico, já que este é um processo que ocorre não só na linguagem da criança (como seria a harmonia consonantal), mas também em várias línguas do mundo.

A seguir apresentaremos as análises das assimilações do sujeito A., de 4:9 de idade, que apresenta um quadro de desvio fonológico, sob as duas perspectivas acima mencionadas. A. apresentava os seguintes casos de assimilações:

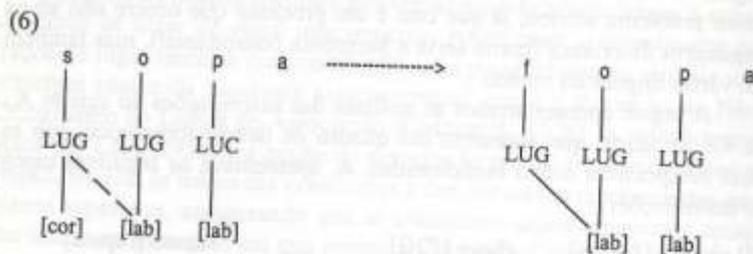
- (4) chapéu [fapEw]      chove [ɸɸfi]      sapato [fapatu]  
 chave [foafi]      guarda-chuva [gaafufa]      soprar [fopa]

Todas estas assimilações podem ser interpretadas como casos de Harmonia Consonantal, onde a consoante labial espalha seus traços para uma outra consoante sem levar em conta a vogal interveniente, como está representado no exemplo em (5):

(5)



A interpretação como Harmonia vogal-consoante é capaz de dar conta das palavras chave [foafi], chove [fɔfi], guarda-chuva [gaafufa] e soprar [fopa], uma vez que, nestes casos, há uma vogal [labial] adjacente à consoante que muda seu traço de lugar. No entanto, essa interpretação não dá conta das palavras chapéu [fapEw] e sapato [fapatu], onde a vogal adjacente à consoante que assimila o traço [labial] não é [labial]. Vejamos a representação da palavra soprar [fopa] na interpretação como harmonia vogal-consoante em (6):



Vejamos agora os dados de uma outra criança, um menino de 6 anos de idade, com desvio fonológico evolutivo e realização fonética comprometida para os fones [k] e [g].

(7) Casos onde ocorrem assimilações:

tomar	[poma]
cobra	[popra]
começar	[pome'sa]
começa	[po'mesa]
cama	[põma]

(8) Casos onde, apesar de o ambiente vocálico ser semelhante a (7), não ocorreram assimilações:

gosto	[dɔstu]
colômbia	[tolombya]
corinthians	[torinçiãns]
cortina	[torçina]
coisa	[toyza]

(9) Casos onde, apesar de o ambiente consonantal ser semelhante a (7), não ocorreram assimilações:

camarões	[tamarõys]
camelo	[tamelu]
caminhão	[tamiñãw]

Conclusões que tiramos de tais dados:

– Parece que tanto a vogal quanto a consoante estão tendo um papel na assimilação, porque em (7), a vogal e a consoante são labiais, em (8) apenas a vogal é labial e em (9) apenas a consoante é labial. Portanto, somente uma ocorrência do traço [labial] não parece ser suficiente para que a assimilação se dê, mas parece que é a vogal quem fornece o traço para a consoante.

– No caso deste segundo sujeito não podemos defender que há segregação planar, em função dessa interação entre vogal e consoante e também pelo item [põma] / cama, onde a labialidade da vogal tem relação com a nasalidade e ocorre em outros itens do seu dialeto ('pão' é enunciado [põn]).

– O ponto 'default' em consoantes obstruintes é o [coronal], pois não tendo o traço [dorsal] em seu sistema (para as plosivas) e na ausência de motivação para o traço [labial], o ponto comum é o [coronal].

– Não poderíamos dizer que D. estivesse em um estágio de produção de itens lexicais com um mesmo ponto porque (8) e (9) contradizem tal hipótese.

Comparando os dois casos apresentados, observamos que:

– Confirma-se que a harmonia, na maioria das vezes, é regressiva e é preferida à progressiva, conforme vemos citado em Lleó (1994).

– No primeiro caso, a proposta de segregação planar dá conta da análise dos dados, enquanto que no segundo caso, os dados não nos permitem defender a biplanaridade. No entanto, não está excluída a possibilidade de o sujeito 2 ter apresentado, em um momento imediatamente anterior, a segregação planar e esta coocorrência da consoante e da vogal labiais, nos casos de assimilação, ser um vestígio dessa segregação de planos, onde, agora, a consoante apresenta um papel motivador indireto.

- Fica claro, sobretudo no segundo caso, que a teoria autosegmental, ao permitir ver a interação vogal-consoante, é muito produtiva na análise dos dados, fornecendo uma proposta mais plausível inclusive para a formulação de modelos psicolingüísticos, como vemos no modelo de representação mental da forma lexical que se baseia na proposta autosegmental, proposto por Lahiri e Marslen-Wilson (1992). Além disso, a teoria autosegmental permite explorar processos que, em propostas lineares, eram tidos como resíduo de análise e evita dizer, como na análise linear, que há uma substituição de consoantes. Isso implicaria desconsiderar a participação da vogal, presente em pelo menos alguns casos e tomar como especificados na estrutura subjacente da criança traços que, muitas vezes, podem não estar. No caso 2, ao analisar a substituição /k/ --> [t], tomando-se o segmento, admite-se a substituição [dorsal] --> [coronal] [anterior], sendo difícil de comprovar, pelos dados que possuímos, se o sujeito 2 tem a representação de [dorsal].

De um modo geral, é evidente que necessitamos de mais dados para que possamos tirar conclusões mais abrangentes sobre o processo de assimilação. Não descartamos, por exemplo, que possam existir casos de assimilação à distância, onde análises de processamento sejam necessárias para dar conta dos dados, no entanto, esperamos ter dado um passo inicial no sentido de impulsionar a difusão das teorias fonológicas atuais na análise de dados das crianças.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARCHANGELI, D. (1988) Aspects of underspecification theory. *Phonology* 5, 183-207.
- GOLDSMITH, J. (1976). An overview of autosegmental phonology. *Linguistic Analysis* 2, 23-68.
- LAHIRI, A. & MARSLÉN-WILSON (1991) The Mental Representation of Lexical Form: a Phonological Approach to the Recognition Lexicon. *Cognition*, 38, 245-294.
- LEVELT, C. (1994) *On the Acquisition of Place*. Tese de Doutorado. Holanda.
- LLEÓ, C. (1994) *A Nonlinear Phonological Analysis of Child Language Harmony Within a Principles-and-Parameters View*. Ms. Universität Hamburg.
- MCDONOUGH, J. & MYERS, S. (1991) *Consonant harmony and planar segregation in child language*. University of California at Los Angeles & University of Texas at Austin.
- MOTA, H. B. (1994) *Análise do Processo de Assimilação em um Caso de Desvio Fonológico*. Trabalho apresentado no 1º Congresso Internacional da ABRALIN - Salvador.
- STAMPE, D. (1973) *A Dissertation on Natural Phonology*. Tese de Doutorado. Universidade de Chicago.

- STEMBERGER, J. P. & STOEL-GAMMON, C. (1989) *Underspecification and consonant harmony in child phonology*. Ms. University of Minnesota at Minneapolis.
- STERIADE, D. (1987a) Redundant Values. Papers from the Twenty-Third Regional Meeting, *CLS* a, 339-362.
- VIHMAN, M. M. (1978) Consonant Harmony: its scope and function in child language. In: Joseph H. Greenberg (ed.) *Universals of Human Language*, 281-334. Stanf. Univ. Press.

